

ANÁLISE DOS CENSOS DE 1920 E 1940: a chegada do imigrante japonês em fazendas mineiras

ANALYSIS OF THE 1920'S AND 1940'S CENSUS: the arrival of the japanese immigrants in minas's farms

Ana Luiza Antunes Aguiar¹

Eduardo Oliveira da Silva Filho²

RESUMO

Este artigo analisa a presença de imigrantes japoneses no estado de Minas Gerais no século XX utilizando-se dos censos demográficos de 1920 e 1940. Analisando o período em que se inicia o processo de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, pretendemos perceber em que medida o imigrante japonês teve importância nesse processo e mostrar através dos dados étnicos e culturais presentes nos censos, algumas marcas da atuação japonesa nesse período. Destaca-se a diferença entre as posturas dos estados de Minas Gerais e São Paulo, perante o uso da mão-de-obra imigrante na lavoura nesse período e como tal diferença afeta a presença japonesa em Minas. Por fim, conclui-se que a presença japonesa em Minas não foi tão impactante em números quanto foi em outros estados, mas foi de significativa importância no período analisado de transição entre mão-de-obra escrava e livre.

Palavras-Chave: Censo. Imigração. Japoneses. Minas Gerais. Mão de Obra

ABSTRACT

This article analyzes the presence of Japanese immigrants in the state of Minas Gerais in the 20th century, using the 1920's and 1940's demographic censuses. By analyzing the period in which the process of transition from slave labor to free labor begins, we intend to comprehend in which measure Japanese immigrants were important in this process, and to show, through the ethnic and cultural data present in the censuses, some marks of the Japanese performance in this period. The difference between the position of the states of Minas Gerais and São Paulo, regarding the use of immigrant labor in the tillage in that period, and how such difference affects the Japanese presence in Minas is highlighted. Finally, it is concluded that the Japanese presence in Minas was not as impressive in numbers as it was in other states, but it was of significant importance in the analyzed period of transition between slave and free labor.

Keywords: Census. Immigration. Japanese. Minas Gerais. Labor.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a composição demográfica de imigrantes japoneses no Estado de Minas Gerais XX utilizando-se dos censos de 1920 e 1940. Destaca-se, logo, a composição de estrangeiros nipônicos para o povoamento de regiões específicas de Minas Gerais e como se deram as imigrações no Estado.

¹ Graduanda no curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: analuizaantunes918@gmail.com.

² Graduando no curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: efilho@sga.pucminas.br.

A imigração japonesa no Brasil é de grande importância para a transição de trabalho escravo para o baseado em mão-de-obra livre, bem como para o povoamento do país. A presença de tal imigrante ocasionou diversas mudanças político-econômicas e culturais, que formaram a sociedade brasileira.

No Japão, no final da era Meiji³, desenvolveu-se uma desigualdade no país, decorrente da acelerada modernização proposta pelo Império Meiji. Tais alterações culminaram em migrações internas e imigrações a outros países e regiões do globo. (WOORTMANN, 1995). Como o Brasil vivenciava um contexto de pós-abolição, necessitava-se de mão de obra imigrante, e por sua vez, acordos entre Brasil e Japão foram feitos, como o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação no ano de 1895 e só foram formalizados no início do século XX.

A imigração no Brasil se inaugurou no ano de 1908 pela chegada dos imigrantes no Porto de Santos. Assim, 185 famílias aportaram no Estado de São Paulo, com um total de 781 imigrantes. Segundo Saito (1980), na primeira fase da imigração, sendo estes de procedência rural no Japão, entraram cerca de 200 mil imigrantes japoneses e de 1953 a 1962, na segunda fase, aproximadamente 50 mil, estes desejando estabilização no Brasil.

Nesse sentido, no Estado de Minas Gerais, tem-se um deslocamento dos imigrantes para o Triângulo Mineiro, isso porque as terras e o clima para o plantio são considerados de boa qualidade, se dedicando, principalmente, ao plantio de arroz. Dessa forma, em 1919, surgem as primeiras cooperativas dos imigrantes japoneses, nos municípios de Uberaba e Conquista. No ano de 1920, cerca de dois mil japoneses contratados adentraram no Estado de Minas Gerais.

Figura 1: Tabela 1 Japoneses residentes no Brasil e distribuição percentual, segundo algumas Unidades da Federação - 1920/2000

Japoneses residentes no Brasil					
Estado	1920	1940	1950	1960	1970
Minas	1.923	893	917	2.964	1.353
São Paulo	24.435	132.216	108.912	115.752	119.338

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920/2000 apud Resistência e Imigração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Elaborada pelos autores, 2022.

³ Período entre os anos de 1868 a 1912 que concentra uma grande modernização e fixação do Poder Imperial, após o período feudal Tokugawa.

Figura 2: QUADRO III Distribuição da população Japonesa, segundo as unidades da Federação (1923-1958)

Distribuição da população Japonesa					
Estado	1923	1932	1935	1940	1958
Minas Gerais	1.012	1.997	1.682	1.922	2.885
São Paulo	34.707	120.285	163.132	193.364	325.899
Paraná	2.126	3.967	6.079	4.300	77.846
Rio de Janeiro	261	389	768	1.191	5.805

Fonte: A presença Japonesa em Minas Gerais: imigração e investimento, 2011, p. 80. Elaborada pelos autores, em 2022.

A PRESENÇA NIKKEI EM MINAS GERAIS E UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE IMIGRAÇÃO

Nos dados da Tabela 1, pode-se perceber um povoamento de imigrantes japoneses iniciado no censo de 1920, contando com 1.923 imigrantes japoneses apenas para trabalhar no Triângulo Mineiro, nos municípios de Uberaba e Conquista para o cultivo de arroz. A Figura 2 mostra um número de 1.012 imigrantes japoneses no ano de 1923, ou seja, uma diminuição considerável em um período de 3 anos, isso quando comparamos com a Tabela 1. Essa diferença não deve ser vista como uma discrepância entre nossas fontes, apenas nos mostra a irregularidade no crescimento do número de japoneses em Minas, assim como nos aponta Kehdy (2011, p. 79):

Sendo Minas Gerais o quarto estado com maior população de origem japonesa depois de São Paulo, Paraná e Mato Grosso. Uma posição que Minas manteve até 1940, apesar da expansão da imigração para outros estados como Goiás, Pará, Amazonas e outros, a partir dos anos 1920/1930; e também, embora a imigração para esse estado fosse pouco numerosa, variando entre 1.012 a 1922 habitantes e apresentasse crescimento irregular.

Os dados de 1920 representam o movimento inicial de imigração japonesa em Minas Gerais e delineiam números significativos na história do Estado. No entanto, ao olhar a figura 2, são números pouco expressivos comparando-se a outros estados. O cruzamento dessas tabelas permite entender que nesse período, São Paulo é quem abrigava de longe o maior contingente de japoneses. Alguns fatores inicialmente justificam essa diferença, como a localização de Minas no interior do país, de forma que a distância do litoral por onde

chegavam os imigrantes japoneses dificultava o acesso ao estado mineiro e, também, o fato de que Minas era pouco conhecido pelos primeiros imigrantes japoneses, visto que não é possível haver interesse pelo que não se conhece.

Outro fator explicativo presente desde o final do século XIX, é que devido à forte atividade cafeeira na Zona da Mata que dificultava um projeto de unificação política no estado de Minas Gerais, predominava posição contrária à mão-obra-imigrante como solução da crise cafeeira e uma preferência pelo trabalhador nacional por parte dos fazendeiros dessa região. Além disso, São Paulo se mostrava nesse momento extremamente favorável à presença imigrantista e defendia que os imigrantes eram a solução para o problema da mão-de-obra naquele contexto de transição no final do século XIX (LANNA, 1986).

Figura 3: POPULAÇÃO DE FATO, POR SEXO E COR - CENSO DEMOGRÁFICO- 1940

POPULAÇÃO POR SEXO E COR			1940
	Total	Homens	Mulheres
População Total	6.736.416	3.363.958	3.372.456
COR			
Amarelos	2.261	1.1880	1.073
Branco	4.126.348	2.071.112	2.055.236
Pardos	1.304.116	651.146	652.970
Pretos	1.297.981	637.732	660.249
De cor não declarada	5.710	2.780	2.930

Fonte: IBGE, 1940. Elaborada pelos autores, 2022.

Figura 4: POPULAÇÃO DE FATO POR OCUPAÇÃO E RELIGIÃO - CENSO DEMOGRÁFICO- 1940

POPULAÇÃO POR RELIGIÃO E OCUPAÇÃO			(1940)
	Total	Homens	Mulheres
RELIGIÃO			
Xintoístas	40	19	21
Budistas	675	364	311
Católicos	6.572.947	3.279.698	3.293.249
OCUPAÇÃO			
Agricultura, pecuária e silvicultura...	1.651.949	1.516.301	135.648
Atividades domésticas e atividades escolares...	1.969.350	162.304	1.807.046
Outras...	1.033.122	577.317	455.805

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1940. Elaborada pelos autores, 2022.

Figura 5: ESTRANGEIROS DAS PRINCIPAIS NACIONALIDADES E SUA DISTRIBUIÇÃO POR ESTADO - CENSO DEMOGRÁFICO- 1940

ESTRANGEIROS POR ESTADO - 1940				
Estado	Italiana	Espanhola	Japonesa	Portuguesa
Minas Gerais	13.744	2.422	803	6.987
São Paulo	213.091	78.046	128.957	155.251
Paraná	6.776	3.190	7.705	2.946

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940. Elaborada pelos autores, 2022.

Figura 6: BRASILEIROS NATURALIZADOS DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE NATURALIDADE E SUA DISTRIBUIÇÃO POR ESTADO - CENSO DEMOGRÁFICO - 1940

Japoneses naturalizados em Minas Gerais - 1940			
	Total	Homens	Mulheres
Japoneses	91	59	32

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1940. Elaborada pelos autores, 2022.

Mesmo com a resistência inicial e a preferência pelo trabalhador nacional por parte dos fazendeiros da Zona da Mata mineira como comentado anteriormente, a imigração ocorre e tem forte impacto na sociedade Mineira e na capital Belo Horizonte. Autoras como Lanna (1986) e Lara (1998) destacam a importância de levar em conta as regionalidades da História do trabalho devido à tendência deste campo historiográfico em priorizar a experiência paulista com os imigrantes e tratá-la como uma explicação nacional.

Dessa forma, trazem o exemplo da preferência mineira dos cafeicultores da Zona da Mata pelo trabalhador nacional, uma vez que essa visão regional é de grande importância por apresentar um caráter relevante às particularidades que muitas vezes acabam não sendo vistas ao trabalhar o todo ou utilizar um processo específico como fio condutor de toda explicação. É importante ressaltar que a experiência mineira não se limita somente à posição dos fazendeiros da Zona da Mata, pois existe um considerável contingente de diversos imigrantes em outras regiões mineiras.

Um exemplo notável é a própria experiência Japonesa de imigração em Minas. Esse movimento teve grande força principalmente no Triângulo Mineiro como veremos na análise dos censos.

A historiografia recente debateu essas especificidades regionais na História do trabalho. Muitos argumentos são pautados para explicar a presença imigrantista no Brasil e como ela se deu de forma diferente em cada região. É importante evidenciar como a preferência pelo imigrante se dava por outros motivos que não os eugenistas. Ao analisar o trabalho de Reid Andrew, a historiadora Lara observa:

[...] as exigências que os ex-escravos impunham aos fazendeiros eram maiores que aquelas pedidas pelos imigrantes; em uma situação em que a escolha era possível - como no caso de São Paulo, com a larga oferta de mão-de-obra imigrante, a preferência dos fazendeiros era perfeitamente compreensível. (LARA, 1998, p. 35).

A posição da historiadora demonstra que os libertos queriam evitar marcas da escravidão no trabalho livre e isso trazia exigências que os trabalhadores imigrantes não impunham aos fazendeiros. Isso levava a uma aceitação mais fácil desses imigrantes não só em São Paulo, como também em Minas Gerais, porém, contribuía para argumentar contra formulações às quais mencionavam que o trabalhador nacional era preguiçoso ou não se adaptava ao trabalho livre.

UM OLHAR ATENTO SOBRE OS CENSOS

As figuras 1, 5 e 6 representam o número de japoneses em Minas Gerais no censo de 1940. Na tabela da figura 1, inclui-se os japoneses naturalizados brasileiros, com 893 japoneses. Na figura 5, sem o acréscimo dos naturalizados, constam-se 803 nipônicos. Como evidenciado na figura 6, em 1940 são 90 japoneses naturalizados em Minas. Podemos perceber uma diminuição dos nipônicos do censo de 1920 para o de 1940 devido às migrações internas no país, e, principalmente, a crise na rizicultura também leva à diminuição dos imigrantes nos anos 30 em Minas Gerais.

No entanto, têm-se um conflito de informações nos censos e na tabela de (1923-1958). Nas figuras 1 e 5 são demonstrados japoneses entre os números de 803 e 893 em 1940. Contudo, na tabela de (1923-1958) constam 1922 japoneses no ano de 1940 e, na figura 3, constam 2261 amarelos em 1940.

Nesse sentido, partimos da hipótese dessa diferença de população a partir do crescimento irregular da imigração que Mitiko Kehdy cita em suas análises. Na contagem de amarelos, têm-se um número maior ainda, mas que se aproxima mais da realidade da figura 2 (tabela de 1923-1958) do que os censos de 1920 e 1940. Ainda que a categorização de amarelos seja entre chineses, japoneses e coreanos, não se têm números em evidência que comprovem neste período a presença de chineses e coreanos no estado de Minas, corroborando para que este número de 2261 evidencie somente os japoneses presentes.

No censo de 1940, é possível perceber alguns detalhes mais específicos sobre a presença japonesa em Minas, são dados que, ainda que amplos, nos ajudam a refletir sobre a atuação e marcas culturais do povo japonês em Minas nesse período. O primeiro dado remete às principais atividades desenvolvidas no estado. Na figura 4, entre todas as atividades listadas, apenas três categorias eram na época exercidas por milhões de habitantes: as

atividades de agricultura, pecuária e silvicultura totalizavam 1.651.949 milhões de habitantes envolvidos. Sendo assim a principal atividade de cunho econômico exercida no estado. Em questão da presença populacional, só perdia para as atividades domésticas e atividades escolares que traziam 1.949.350 pessoas envolvidas.

Mas em termos econômicos, a agricultura, pecuária e silvicultura se destacam como as principais atividades exercidas em Minas e, apesar de serem dados referentes a toda a população mineira e não somente à população de origem japonesa, é possível perceber certa veracidade da afirmação de que o primeiro grande grupo de japoneses que povoou Minas Gerais de 1920-1940 estava majoritariamente envolvido em atividades de agricultura, visto que essa, junto da pecuária e silvicultura, eram de longe as atividades mais desenvolvidas no estado, como podemos perceber em “O Café e o Trabalho "Livre" em Minas Gerais” de Ana Lúcia Lanna. Ainda que amplas, são aproximações necessárias.

Ainda sobre o censo de 1940, podemos ver na Figura 4 a distribuição da população mineira, segundo sua religião, nesse sentido, os dados apontam a presença de 675 Budistas e 40 Xintoístas entre a população mineira. A partir da imigração japonesa, Frank Usarski exemplifica a expansão destas religiões no Brasil, ganhando força e fazendo parte do imaginário religioso brasileiro ao mais tardar. A princípio, é preciso entender que tanto o Budismo quanto o Xintoísmo são religiões de origem asiática, o Budismo mais especificamente nasce na Índia, mas se desenvolve de forma ampla na China e no Japão, já o Xintoísmo é uma religião de origem japonesa.

São informações importantes, pois, indiretamente nos dizem da presença japonesa em terras mineiras, visto que não temos evidências das imigrações chinesa, coreana e indiana, partindo da análise dos censos de 1920 e 1940. Dessa forma, é possível formular a hipótese de que essas religiões de origem asiática tenham entrado no Brasil de maneira efetiva, a partir da imigração japonesa.

Não é possível afirmar tal hipótese a partir dos censos, visto que o primeiro censo a trazer questões de ordem religiosa é o de 1940. Assim, tendo em vista que a imigração japonesa em Minas se inicia de forma expressiva a partir de 1920, não podemos afirmar que em um período anterior a 1920, pois não existiam adeptos dessas religiões, nem mesmo ao ver os censos de 1872 e 1890 é possível estabelecer parâmetros aceitáveis para dizer se existia ou não um número considerável de Xintoístas e Budistas em Minas Gerais.

Contudo, a presença desses dados no censo de 1940, ainda que não comprovam nossa hipótese, uma vez que aponta para o fato de que os japoneses aqui presentes tinham liberdade de exercer sua fé, e possivelmente assim faziam.

CONCLUSÃO

Em nossa análise, percebemos alguns números que entram em desacordo, mas que podem ser explicados por um crescimento irregular da imigração, que desenvolve as migrações japonesas em outros estados do país. Embora a presença japonesa em Minas Gerais tenha sido pequena em relação aos outros estados brasileiros, como São Paulo e Paraná, ainda assim foi extremamente significativa para Minas Gerais. Além dos censos em que citamos (1920 e 1940), os próximos anos contam com os hortifrutigranjeiros, comércio e indústria que propiciaram um ambiente favorável para a imigração, ainda que em baixa procura para a imigração em São Paulo e Rio de Janeiro na região Sudeste.

Ainda sobre a significância da presença japonesa, podemos apontar que a própria presença de dados relativos aos japoneses no censo de 1940, nos indica relativa importância desse povo a nação brasileira, no censo ao elencar os japoneses entre as nações principais, assim é justificado:

A classificação segundo as nacionalidades específicas, por seu turno, restringiu-se, em alguns quadros, às discriminações “alemã”, “espanhola”, “italiana”, “japonesa” e “portuguesa”, que, pela sua importância dos pontos de vista histórico, social e político, foram selecionadas como principais nacionalidades para efeito de confronto entre as diversas Unidades da Federação. (IBGE, 1940)

Ademais, Minas Gerais teve sua importância como polo de imigração nipônica nos anos de 1920 até o ano de 1940 sendo o quarto principal destino dos japoneses, tornando-se o sexto estado de maior destino em 1950. A atividade principal, a agricultura, trazia uma experiência por parte dos japoneses, como também novas técnicas foram impulsionadas nas plantações.

No entanto, percebe-se também com esta análise o grande número de europeus imigrantes no país. A chegada destes se dá desde o final do século XIX em relação aos japoneses, mas ainda sim, é a mão de obra ideal para o país. A “raça branca” era vista como raça superior aos demais e que embranqueceria os brasileiros, os quais eram formados

primordialmente por brancos, negros e indígenas. Além disso, o ideal de que o trabalho europeu no país elevaria o potencial econômico e cultural brasileiro:

Assim, a imigração não era considerada somente um meio de suprir a mão de obra necessária na lavoura, ou de colonizar o território nacional coberto por matas virgens, mas também como meio de “melhorar” a população brasileira pelo aumento da quantidade de europeus (VAINFAS, 2002, p. 152).

Desse modo, a vinda da mão de obra chinesa e japonesa trouxe alardes para os políticos da época, bem como todos aqueles influenciados pela teoria de eugenia que pairava no mundo. Com isso, os nipônicos foram extremamente discriminados, e alguns fluxos migratórios no final dos anos 1910 do século e nos anos de 1930 foram menores, devido ao medo do perigo amarelo e da cor amarela se alastrar pelos brasileiros. O contexto da Segunda Guerra Mundial postula políticas de restrição aos japoneses, bem como perseguição no Brasil. Portanto, sendo a maior colônia japonesa fora Japão, o Brasil tratou com complexidade os imigrantes japoneses, o que justifica uma imigração irregular em diversos estados secundários como polo de imigração japonesa, como é o caso de Minas Gerais.

Concluimos que a imigração foi significativa no país, devido à transição de mão de obra escrava para a mão de obra assalariada e pela economia de cunho agricultor predominante em Minas Gerais, necessitada de trabalhadores nas fazendas.

REFERÊNCIAS:

COELHO, Magda Prates; SAKURAI, Célia. (org) **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil** / [organizadoras, Célia Sakurai, Magda Prates Coelho]. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico - 1940**. Rio de Janeiro, IBGE, 1950 (vol. II).

KEHDY, Mitiko Okazaki; SILVA, Delso Moraes da. **A presença japonesa em Minas Gerais: imigração e investimento 1908-2008**. Belo Horizonte: Associação Mineira de Cultura Nipo-Brasileira, 2010.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. O Café e o Trabalho "Livre" em Minas Gerais-1870/1920. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 6, n. 12, 1986.

LARA, S. H. **Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil**. Projeto História, São Paulo, n. 16, p. 25-38, fev. 1998.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

USARSKI, Frank; SHOJI, Rafael. Perspectiva sociológica sobre a expansão do Budismo e das religiões japonesas no Brasil. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 17, n. 2, p. 99-118, 2017.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.